

Fotografia: Estimular e não condicionar o olhar

Entrevista ao artista mediador Fernando Pinho

ANTÓNIO ÂNGELO VASCONCELOS

antonio.vasconcelos@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
CIPEM-INET-md, Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musi-
cal, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudo em Música e Dança, polo Instituto
Politécnico do Porto

ANA LUÍSA OLIVEIRA PIRES

ana.luisa.pires@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

GINA C. LEMOS

gina.lemos@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação
CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do
Minho

Resumo

A entrevista ao artista - mediador Fernando Pinho foi realizada no âmbito Projeto “Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se” desenvolvido na Cáritas Diocesana de Setúbal com um conjunto de participantes em situação de sem abrigo. A entrevista evidencia as conceções do artista-mediador sobre os papéis das artes, em geral e da fotografia em particular, com públicos em situações de exclusão, os processos de trabalho desenvolvidos em termos pessoais, sociais e artísticos bem como a sua perceção sobre os principais contributos do “Recriar-se” para as pessoas envolvidas e para a comunidade.

Palavras-chave:

Projeto Recriar-se, Fotografia e Inclusão, Bem-Estar, Práticas Artísticas Participativas, Comunidades.

Abstract

The interview with the artist-mediator Fernando Pinho was conducted within the scope of the project “Investigating and evaluating the ReCriar-Se project,” developed at Cáritas Diocesana de Setúbal with a group of homeless participants. The interview highlights the artist-mediator's conceptions about the roles of the arts in general, and music in particular, with audiences in situations of exclusion, the work processes developed in personal, social, and artistic terms, as well as his perception of the main contributions of “ReCriar-se” to the people involved and to the community.

Key concepts:

Recriar-se Project, Photography and Inclusion, Well-being, Participatory Artistic Practices, Communities.

Da formação e da intervenção artística e profissional

Entrevistador(a): [...] A primeira questão que queremos colocar-te era, a qual é a tua formação?

Fernando Pinho: Tenho uma licenciatura em Educação Visual e Tecnológica, na variante de Educação pela ESE de Setúbal], tenho um mestrado em Educação Artística pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e fiz a parte curricular do doutoramento também em Belas-Artes, depois não entreguei a tese. Tenho [...] o título de especialista em Educação para os Media [...].

Entrevistador(a): Mas esta tua formação também está relacionada com o teu percurso e experiência profissional que é, tanto quanto eu conheço, diversificada.

Fernando Pinho: Sim, estive muitos anos ligados à parte gráfica. Fui responsável do centro gráfico do Instituto Politécnico de Setúbal, primeiro ESE e depois do Instituto Politécnico de Setúbal, e essa foi a grande parte da minha vida profissional [...] e depois fiz a formação em Educação Visual e Tecnológica e fui convidado para ficar como professor na ESE e estive sempre ligado a estas questões das imagens. Já auxiliava alguns professores que davam estas cadeiras ou que tinham intervenção na parte da fotografia [...].

Entrevistador(a): Também desenvolvias trabalho como fotógrafo [...].

Fernando Pinho: Sim, trabalho. Tenho algumas colaborações pontuais com alguns fotógrafos de fotografia social... São aquelas reportagens de casamentos, batizados, este tipo mais de carácter familiar, e mantive aí colaboração com alguns fotógrafos da cidade, pelo

menos três, durante muitos anos [...]. Depois estive também na fotografia ligado ao ensino e estou ligado à fotografia autoral. Já tenho cinco exposições na cidade, no Museu do Trabalho, na Casa da Cultura, e depois tenho outras pequenas participações na ARTISET, em coletivas e em particulares. Tenho feito parte de alguns júris aqui na cidade e mesmo fora da cidade...

Neste momento faço parte também do júri dos fotógrafos profissionais, que é da APP Imagem, que tem sede em Paços de Ferreira, mas é uma representação dos fotógrafos profissionais internacionais, faço parte do corpo dos jurados [...]. Tenho feito parte há 4 anos desse painel de juizes portugueses e espanhóis, que estão englobados nessa classificação ou nessa avaliação dos trabalhos no certame que eles fazem anualmente.

Entrevistador(a): E tanto quanto sei tu também tens alguma participação em termos dos projetos de natureza social...

Fernando Pinho: Sim, faço parte de vários grupos de fotografia, portanto, pelo menos três aqui na cidade, criei um grupo próprio que trabalha no centro de cidadania ativa, que também preconiza juntar fotógrafos e discutirmos e aprofundarmos as questões com alguns exercícios. Também trabalho com o centro de cidadania ativa, com a SEIES, em algumas iniciativas que eles têm com a população, em tentar registar e fotografar, mas depois estou ligado a outras temáticas puramente de voluntariado, que é este caso da Cáritas em que junto as duas coisas, que é o voluntariado e a fotografia, animando estes ateliers de fotografia. Estou ligado à ARTISET, sou também neste momento dos corpos sociais da Associação de Artistas Plásticos de Setúbal. Sou também responsável, já na presente lista para candidatura, da Questão de Equilíbrio, que é uma associação de inserção e educação de jovens, aqueles jovens que faltam repetidamente à escola e não só, que têm problemas familiares que o Tribunal, a segurança social, decide que devem ser institucionalizados, às vezes por questões mais complicadas e como não têm idade para cumprir outro tipo de penas [...] e nós temos uma casa de acolhimento e temos outra valência que é o acompanhamento das famílias com dificuldades de estruturação. [...]

As práticas artísticas e o desenvolvimento pessoal e comunitário

Entrevistador(a): Eu gostaria de pegar por esse lado teu artístico, que é uma constante do teu trabalho, e perguntar-te de que modo é que, do teu ponto de vista, as práticas artísticas podem contribuir para o desenvolvimento pessoal, comunitário, para a inclusão das pessoas e para o bem-estar dessas pessoas? Neste contexto, de que modo é que as práticas artísticas, do teu ponto de vista, podem ajudar para o desenvolvimento comunitário?

Fernando Pinho: E aqui no Recriar-se numa forma muito mais rudimentar, mesmo que

a pessoa não tenha grande formação nem dedique grande tempo àquela especificidade daquele ato artístico que está a ter, o que é certo é que vai evoluindo e, quanto mais a pessoa se sentir identificada e valorizada (porque aqui há um outro problema quando se trabalha com outro tipo de público, quando o público parte de um patamar muito rudimentar, que nem sequer acredita já em si próprio ou que é capaz de fazer qualquer coisa de diferente e com o seu cunho pessoal, aí os desafios são maiores). Evidente que temos problemas laterais também a esse estado em que a pessoa se encontra, que é nunca ter trabalhado ou ter sido valorizado o seu trabalho artístico, em que a pessoa já está com a autoestima muito baixa, quase a todos os níveis. Já não é só o problema artístico, é o problema dos seus pares a reconhecerem-na como uma pessoa que é interessante, que faz coisas como deve ser, que é criativa, portanto, já é um problema que está antes da questão artística e esta pode ser, e é com certeza, uma ponte muito importante para passar a outro patamar, mesmo que os seus pares não reconheçam a pessoa como realmente uma pessoa criativa, capaz de criar coisas novas, capaz de fazer coisas que os outros não fazem... É por aqui também que se pode mudar a sua relação com o resto do grupo. Se a pessoa consegue apresentar trabalhos que ninguém estava à espera que ela fosse capaz de fazer, porque a conhecem noutro contexto que não esse. Isto contribui muito para a pessoa ser aceite e ser reconhecida no grupo com, pelo menos, aquela capacidade de criadora e artística. Depois isto funciona também ao contrário, como vocês sabem. A própria pessoa começa a perceber que é reconhecida, que recebe elogios, que a pessoa comenta aquilo que a pessoa fez e isso mexe com a própria pessoa. No reverso da medalha, está tudo ligado e não há coisas que se possam separar. Eu acho que isto é toda esta dinâmica que as questões artísticas, a pintura, desenho, escultura, fotografia, música, podem despertar em algumas pessoas, porque algumas pessoas já foram “gente”, já foram reconhecidas pelos seus pares, já gostaram de si próprios, já tinham sobre si uma imagem positiva e a vida foi... Neste caso concreto do projeto Recriar-se e da Cáritas, as pessoas têm os níveis de autoestima muito baixos, porque a vida se cruzou, se dificultou, porque eles não foram capazes de acompanhar, porque ficaram para trás e foram-se deixando isolar [...]. Ninguém é obrigado a ir a nenhum atelier, nem música, nem fotografia, nem pintura, mas são mais ou menos seduzidos e são os outros elementos do grupo que normalmente seduzem no trabalho. Isso também serve para cativar os outros que estão sentados no banco do jardim, que estão com os seus consumos.

O Projeto de intervenção artístico-social: o Recriar-se

Entrevistador(a): Falando em seduzir, quando é que se envolveu no projeto Recriar-se, como e porquê? O que é que o seduziu também para este projeto?

Fernando Pinho: Já estava ligado ao projeto da SEIES e fazia parte de um outro projeto fotográfico na ARTISET e também já estava ligado à Questão de Equilíbrio [...]. E um dia o Carlos Xavier, que já tinha este projeto na Cáritas com os sem-abrigo, portanto, convidou-me a ir assistir. E eu fui assistir uma vez, depois fui a segunda ao fim de três, quatro meses, não tenho bem precisão dessa data, perguntei às pessoas que lá estavam a participar se eu podia levar a máquina fotográfica, se não havia problema. E durante para aí 6 meses, o meu papel foi integrar-me, ou ser conhecido pelas pessoas e não ser tido como um estranho que entra ali de para-quedas naquelas sessões semiprivadas que eles na altura tinham.

[...]

Eu comecei a ir primeiro sem máquina, depois de achar que tinham sido criadas as condições, aliás, eu nem sequer falei com o Carlos, que era o único animador, que fazia aquelas sessões, de eventualmente me vir a integrar no projeto para desenvolver a fotografia. Quer dizer, aquilo foi surgindo quase de uma forma natural, porque essas coisas mexem comigo, e acho que, do ponto de vista da sociedade, nós temos sempre que devolver algumas das questões que a sociedade nos vai dando, e isso é a minha postura e forma de encarar a vida. E eu fui com todo o prazer e fui-me sentindo, de certa maneira, atraído por aquele ambiente e pelo próprio trabalho que o Carlos estava a fazer, que era o mentor do próprio projeto e o estava a iniciar. Depois comecei a fotografar, numa primeira fase, não de uma forma muito ostensiva, mais discretamente, e fui-me integrando paulatinamente e com todo o respeito pelas pessoas que ali estavam e pela sua condição. (...)

Depois, ao fim de para aí quatro ou seis meses, não me lembro muito bem, começaram a surgir as conversas entre um e outro de que podia haver pessoas interessadas e tal e então aí a coisa começou a tomar jeito. Houve quem se manifestasse e surgiu a ideia de depois falar com o Carlos e perceber se aquilo tinha sentido e se, eventualmente, poderia ser uma coisa a apostar e acordámos que sim. Depois começou então a haver um outro dia diferente do da música que era o da fotografia, de duas horas, duas horas e pouco, em que fazíamos algumas saídas numa primeira fase na cidade.

Do desbloquear problemas técnicos e da atitude artística

Entrevistador(a): [...] Quais é que são os principais objetivos ou intenções do atelier que tem desenvolvido ao longo deste tempo?

Fernando Pinho: Primeiro foi preciso resolver alguns problemas técnicos, que eram os equipamentos que a Cáritas não tinha e eu achava, achava e acho, que não se deve começar estas coisas dando migalhas ou dando coisas pelo lado menor, portanto, eles tinham que ter equipamentos como deve ser, como qualquer pessoa que faz fotografia deve ter, mesmo que aquilo apresentasse algumas dificuldades de manuseamento para alguns, mas eu estaria lá para ajudar a resolver, por isso é que o atelier fazia sentido logo naquela primeira fase.

Porque o objetivo aqui, para além de resolver esse problema, foi resolvido numa parceria que se fez com a ESE, daqueles equipamentos que lá estavam, e eu na altura sabia que existiam, porque também era responsável, na ESE, pela parte dos audiovisuais, portanto, fui falar com a direção da ESE, com o IPS, e foi disponibilizado algum desses equipamentos [...].

Depois, numa fase inicial, as máquinas iam e vinham todos os dias comigo e, numa fase posterior, começaram a ficar na própria Cáritas e depois era só fazer a distribuição, que sou eu que faço e continuo ainda a fazer, que depois é feita num caderninho, porque eles costumam ser, às vezes são mais, são 10, 12, 13, depende, e temos seis máquinas. Agora temos mais uma, que o projeto, em que estamos envolvidos, já conseguiu comprar, uma máquina própria para o projeto.

Portanto, no fundo, são seis máquinas, às vezes empresto a minha máquina também quando há mais pessoas, mas quando há mais pessoas do que estas sete possíveis máquinas que se podem utilizar, temos um caderninho em que, na metade do percurso, leva um e depois outro. Portanto, isso é a forma de resolver os problemas tecnológicos. O que é que se pretendia/pretendo, na minha ótica, ou naquilo que é a ótica também do próprio projeto e do Carlos Xavier, que não escolhe propriamente as músicas que eles tocam. [...]

Há ali uma certa negociação e neste caso também em que eu não indico o que é que eles têm de fotografar. (...) Eu dou as dicas um bocado para o ar, sem apontar para ninguém ou sem sugerir que alguém vá lá fazer, portanto, isto é uma coisa: eles vão lá ou não vão, fotografam, enquadram como querem. Por exemplo, se eu entro no Mercado do Livramento, que é um ambiente fechado, eu preparo as máquinas para estarem mais sensíveis à luz, aumento isso; quando saem de lá, eles vêm ter comigo e eu ponho outra vez a máquina preparada para a rua. Quando a máquina às vezes não consegue funcionar, porque bloqueia, porque há alguma humidade nos contactos, eu limpo e ando sempre ali por perto. Esse é o meu trabalho um bocado técnico, que é desbloquear problemas que possam

existir com os equipamentos e dar algumas sugestões, influenciar os percursos que fazemos e influenciar no sentido de que andamos predominantemente na cidade; pontualmente saímos para fora do concelho, e ontem foi o último dia que o fizemos, fomos ao Castelo de Palmela e, quando há carrinha, quando há disponibilidade de mobilidade, eu levei o meu carro e o resto do pessoal foi na carrinha da Cáritas e fomos ao Castelo de Palmela. Já fomos a Sesimbra, já fomos a Lisboa, já fomos às ruínas de Troia, já fomos a diferentes sítios.

Eu quero ver aquelas situações que falei há pouco, que é, em geral, quando a pessoa passa pelo processo criativo e começa a sentir que as suas fotografias devem espelhar... nós percebemos claramente que aquelas fotografias são do Fulano, Sicrano ou Beltrano.

Entrevistador(a): Ou seja, Fernando, por aquilo que eu estou a entender, garantindo que a máquina está com a função certa, a intencionalidade que tens associada a esta forma de trabalhar é que eles possam desenvolver um estilo próprio de fotografar, é isso?

Fernando Pinho: O objetivo será esse, é chegar aí. Evidente que há muitas coisas aqui pelo caminho e há muitas condições técnicas e de pessoas que não conseguem passar determinados patamares, mas isso são as condições que as pessoas já tinham. Agora é estimular ao máximo, é rentabilizar tudo aquilo que é possível rentabilizar, é não condicionar os olhares. (...) Depois de três em três sessões, mais ou menos, temos uma sessão interna em que vamos visionar as fotografias que eles fazem e que eu comento de forma leve, não uma crítica mais exigente, mas de uma forma ligeira, brincando, naquilo que eles estão a visionar, que são as suas próprias fotografias. Princípio número um: se a pessoa não estiver nesse dia presente, não se veem essas fotografias nesse momento. Só se comentam na presença do autor e o meu discurso, que é sempre o mesmo, é dirigido a essa pessoa que é o autor das fotografias, mas é extensível para que os outros... (...) Faço, não em todas, pelo tempo, mas em muitas fotografias, quando eu acho que é oportuno, para eles perceberem que o olhar deles tem cada vez de ser mais seletivo, aparecer o que é para aparecer, iluminar... no fundo isto é um bocado educação visual e eles perceberem, do ponto de vista estético, como é que devem compor. (...) Alguns até nunca tinham mexido numa máquina fotográfica, ainda por cima numa máquina destas que, podemos dizer, *grosso modo*, é semiprofissional, embora isto seja um termo abusivo, porque os profissionais não estão na máquina que utilizam, estão na maneira como veem as coisas. Agora pedimos um projetor, mas um bom projetor. [...] Porque eu quero que eles vejam as imagens com um bom projetor e uma boa máquina! E eles têm de sentir isso.

Entrevistador(a): Esse também é o momento que faz parte do processo de trabalho do

Fernando com eles para poderem ver o trabalho final.

Fernando Pinho: Exatamente, verem como deve ser e perceberem que nós estamos também a investir tudo, quer do equipamento, quer da nossa disponibilidade de tempo, quer dos nossos conhecimentos. Quando as coisas proporcionam e há lá três ou quatro em relação aos quais eu posso alongar o discurso ou passar para outros patamares de discussão, eu alongo o discurso e eles percebem, também falam entre eles. Quando a coisa não dá para mais, nós comentamos as fotografias que eles fizeram e depois ficamos aí, não podemos ir por muito mais.

Depois há sempre os indutores ou os estímulos que são feitos exteriormente, há sempre em todas as saídas uma fotografia de grupo, para toda a gente fotografar e ter sempre um grupo. E isso também acho que é um elemento de coesão do próprio grupo daqueles que funcionam em termos da fotografia e umas vezes são sete ou oito, outras vezes são... Quando fomos agora às ruínas de Troia, conseguimos a viagem de barco, conseguimos entradas e um guia para explicar as ruínas, depois fomos dali, fomos à Carrasqueira e muitos nunca tinham ido a coisa nenhuma e são pessoas, algumas com 60/70 anos... e depois fomos à cripta de Alcácer do Sal, depois levamos o lanche pelo caminho. Isso é coesão de grupo, depois há sempre aqueles problemas que eles arranjam ali entre eles, que são muito pouco colaborantes, em particular uns para os outros. E isto às vezes também ajuda, no meu entender, a desanuviar um bocado essas tensões que eles vão criando no seu dia a dia, porque aqui os ateliers não são só o ato fotografia; os ateliers obrigam, ou pelo menos são um estímulo, para que eles estejam concentrados no que estão a fazer. E aí vamos apostar tudo para que eles consigam descobrir as suas potencialidades e alguns têm potencialidades.

Estimular e não controlar

Entrevistador(a): [...] Como é que costuma motivar e envolver os participantes? Que tipo de estratégias utiliza para motivar e envolver os participantes nestas atividades?

Fernando Pinho: Nos sítios que se escolhem para ir, em alguns alertas que se fazem pelo caminho de hipotéticas hipóteses para se fotografar, do estímulo quando cada um vai fotografando e me vão mostrando cada foto e recebem um elogio de volta, estímulos que são subtis e não por andar a controlar.

Depois, as sessões que são públicas, em que eu faço os elogios àquilo que é, genericamente, a evolução e o reconhecimento, e isso vai fazendo algum sentido e eles vão introduzindo isso naquilo que é uma determinada estética ou a forma de compor as imagens...

Há algumas atitudes que nós percebemos que acabamos por chegar.

[...]

Entrevistador(a): [...] Há uma componente do trabalho que é individual...

Fernando Pinho: Sim, essa parte começou há pouco tempo. Começou quando se conseguiu comprar um computador, que é o computador da Apple [...] porque é o melhor do mercado quer para a música, quer para a fotografia, e agora faço: de manhã continuam os nossos percursos ou na cidade ou fora da cidade, e à tarde eu prolonguei a sessão e [...] recebo pessoas no computador das 14h até às 17h e ficamos a editar as suas imagens e aí é um complemento muito importante para a pessoa perceber o que é que deve fotografar. E quando nós vamos para o computador e dizemos “temos de cortar isto, não havia necessidade de estar aqui, é pena...” é o complemento. [...]

Depois há outros problemas, que é a infoexclusão de algumas pessoas, que é quase total, nem sequer sabem mexer num rato, nunca mexeram num computador, e estar a trabalhar com um programa que é o Photoshop, que é mais ou menos sofisticado em termos de manuseamento, em que eu quase que digo a ferramenta, sistematicamente, qual é o botão em que têm de carregar... qual é a ferramenta, qual é a função que aquilo tem. Esse é o trabalho que estou a fazer agora neste projeto, que é o complemento.

Primeiro foi a minha integração, depois foi adquirir os instrumentos necessários, depois foi começar a sair na cidade, depois fora da cidade, depois preparar os equipamentos para as diferentes situações: ou dentro, interior, ou quando estão no exterior, aproveitar conjuntamente para ver tudo o que são exposições de pintura, fotografia, desenhos, aguarelas, tudo o que há na cidade, os próprios museus, igrejas... entrar nessas questões todas, que acho que é uma parte muito importante deste processo criativo, artístico ou estético, que é complementar com os hábitos de entrar nestes sítios; também privilegio essa parte. Depois, aí, dando algumas sugestões soltas, sem serem direcionadas a ninguém em particular. Depois é, de três em três sessões, voltarmos a um sítio do grupo e comentarmos particularmente cada uma das imagens na presença do autor e em que outros possam ouvir e aqueles comentários leves, muito leves, mas fazendo um discurso adequado e um discurso mais ou menos direcionado.

Das exposições fotográficas

Entrevistador(a): Também há aí uma outra coisa que tu não referiste e que tem a ver com as exposições, já fizeram exposições, não já?

Fernando Pinho: Já, sim, sim. Isso são as iniciativas gerais do projeto. Primeiro começou

com aquelas fotografias que eu tinha feito naquela primeira fase de integração, que são as fotografias que também já estiveram aí na ESE, dessa exposição e noutras que a gente fez, mas depois houve uma altura em que se selecionaram duas fotografias de cada um e se fez uma exposição na Cáritas, que agora já esteve na Casa da Cultura também, de duas fotografias de cada um dos autores. Aí foi uma escolha mais ou menos minha, conjuntamente com a psicóloga que estava a acompanhar, que era a Entrevistador(a) Gaspar, e fizemos uma escolha. Fiz uma sessão com um fotógrafo da cidade, que é o Carvalho, em que ele levou o estúdio lá para cima e em que se fotografaram todos, em ambiente de estúdio profissional, como deve ser, com fundo e com iluminação de estúdio, e depois tinha uma fotografia dessa pessoa e as fotografias que eles tinham produzido. Isto está sempre a mudar, porque uns já saíram porque deixaram de estar em condição de sem-abrigo, outros porque já não são seguidos pela Cáritas ou por qualquer outro motivo que eu não identifico. Portanto, há alguns que evoluíram bastante e outros é uma atitude de mutação, conforme a vida deles, ou estão mais disponíveis ou estão mais recetivos a integrar estes projetos ou estão numa má e já não...

Entrevistador(a): E essas exposições são importantes para eles?

Fernando Pinho: Sim, sim, sim, aliás, a gravação do CD, ou atuar em espetáculos, ou ter uma exposição [...]

Entrevistador(a): [...] Quais têm sido os contributos deste projeto e das atividades que tu tens desenvolvido com os participantes no âmbito do Recriar-se? Contributos para o desenvolvimento, tanto na perspetiva pessoal [...] como também na perspetiva social: da relação com os outros, da relação com o meio, da relação com a comunidade. [...]

Fernando Pinho: Acho que, de um ponto de vista do grupo em si, independentemente das mutações que o grupo tem vindo a sofrer ou que sofre sempre [...] nós não conseguimos ter nenhuma medida que consiga fidelizar ou agregar quase que definitiva. São públicos muito específicos, têm muitas dificuldades em várias áreas e esta coisa de estar e de estarem insatisfeitos consigo próprio, com a vida, leva-os também a querer muito, muito, muito e, de momento para o outro, já não querer nada, nada, e depois leva-nos até a uma atitude que eu observo [...] que é: estão um bocado mal com a vida e logo estão mal consigo próprio e isto cria algumas dificuldades de relacionamento de um ponto de vista pessoal, em que há dias que não têm mesmo disposição para pouca coisa, ou porque estão muito perto dos consumos que estão ligados, ou porque estão um bocado descrentes da vida e das coisas [...], portanto, não estão numa situação muito favorável [...]. Isto depois mexe com isto tudo e eles às vezes são mesmo pouco tolerantes, quer em relação

à própria Cáritas, quer em relação ao Projeto. No Projeto é só aparecer ou não aparecer, se não estiverem dispostos, não aparecem [...]. As situações são muito complexas e muito difíceis. Eu acho que estas atividades artísticas contribuem de uma forma individual, quando bem selecionadas e quando o animador percebe o que é que tem que fazer a cada um e a cada momento, como é que deve estimular isso... põem-nos melhor com eles próprios e mexem nos seus níveis de autoestima. [...] [Nos ateliês] o estímulo que podemos dar e a valorização do que eles estão a fazer a cada momento, eu acho que é muito mais importante do que nós conseguimos quantificar. Agora, e isto tem, no meu entender, implicações diretas no grupo onde eles estão inseridos, porque eles comentam o que é que estão a fazer, do que é que estão a gostar, os símbolos que têm, e isto acaba por contaminar o grupo e o grupo às vezes vem, outras vezes não se sente com coragem. Há aqui muitas hesitações e depende do nível em que cada um está. As visitas coletivas a sítios onde não era habitual eles andarem, ou fazermos a fotografia do grupo, ou comentarmos as fotografias de toda a gente em grupo, o partilhar a máquina [...]. Agora há problemas que são mais complexos do que... acho que é um aconchego, é uma achega, porque quando eu consigo dizer a três ou quatro, pelo menos, “Sim senhora, tem feito um percurso aqui na fotografia que é digno de se ver. Eu já olho para as fotografias e já sei que isto é do fulano”... Portanto, quando eu faço estes inputs conscientes e direcionados, no concreto, eu percebo que aquilo vai ter reflexo de um ponto de vista pessoal e, ao ter reflexo de um ponto de vista pessoal, vai ter no grupo, e ao ter no grupo tem na forma como as pessoas encaram a própria instituição. E até uma coisa que eu não consigo mexer muito que é os níveis de tolerância de pessoas que sentiram muita intolerância da sociedade para com eles e eles serem capazes de, em cada momento. [...]. Como monitor dentro do grupo, nós podemos servir de alguma mediação, quer dizer, não tenho qualquer pretensão em resolver problemas do ponto de vista psicológico ou de outras áreas, mas percebemos da vida e percebemos que às vezes isso são exageros que só se devem à condição que cada um deles tem ao chegar aqui.

Entrevistador(a): Fernando [que] mudanças positivas é que tu tens observado em alguns deles?

Fernando Pinho: Por exemplo, a S., que tinha grandes dificuldades [...] os inputs que eu tenho feito têm mudado a atitude e a forma como ela fala com os outros e do atelier de fotografia. Nota-se que ganhou confiança. Já fala da fotografia e tenta explicar aos outros e mudou um bocado a atitude...[...]

Temos agora outra, que é a L., que é mais nova que os outros todos, [...] é das últimas a

chegar ao Projeto e sobretudo à fotografia e que tem outras competências funcionais que os outros não têm, tem os problemas que a levaram até ali, mas depois tem outras competências, que é do tempo. Deve ser uma pessoa para aí de 45 anos, mas já é uma pessoa que mexe no computador, mexe no rato, não tem qualquer problema com isso, e agora começou a fazer, de livre iniciativa dela, uma série de retratos ali àqueles todos que andam à volta e eu só lhe disse uma coisa: “Isto está a ficar muito bom (...). Mesmo o J. C., que é uma pessoa que também deve estar medicada com doses bastante elevadas, não abre a boca, nunca fala quase com ninguém, e ele só vem a este atelier de fotografia. Quase desde o início que vem. [...]. Ele é uma pessoa que eu acho que não acabou licenciatura, deve ser por problemas de saúde, mas pelo menos andou e é uma pessoa que compreende as coisas com outro nível ou outro patamar. Isto são três exemplos que acho que, de um ponto de vista pessoal, passaram a sentir que o atelier de fotografia os acrescentava e os revelava e os levava a entender, para os outros e para o grupo, que eles tinham capacidades que o próprio grupo desconhecia. [...]

Houve um ou outro que regrediu por questões de saúde, o P. M., que fotografava e cada vez eu fui observando que cada vez havia mais dificuldade ao fotografar. Chegou a levar máquina um dia, andou duas horas e meia e, quando chegou, tinha quatro fotografias feitas. (...) Regrediu porque, na questão de demência, do ponto de vista da saúde, regrediu e na música foi igual, ele já não consegue cantar sozinho. Não há nenhum fator externo que consiga modificar isso.

Olhares sobre o trabalho e o Projeto

Entrevistador(a): [...] Como é que tu avalias a tua participação no Recriar-se? Que aspetos consideras bem conseguidos? Que aspetos podem vir a ser melhorados?

Fernando: Do ponto de vista pessoal, sinto-me gratificado com isto, porque acho que é uma coisa de ponta e exigente, muito mais do que se calhar eu pensava à partida, muito mais do que algumas pessoas pensam, que é só nós entregarmos as máquinas e andar com eles a passear pela cidade [...] Acho que isto é um trabalho muito meritório. Acho que era uma coisa a aprofundar de uma forma ainda mais séria, no sentido de ainda mais estudo, ainda mais intensidade, perceber melhor todos os comportamentos, mas tem que se fazer um acompanhamento quase pessoal desde o início e depois ir acompanhando e ouvir... Vocês com certeza vão ouvir os feedbacks deles a cada momento para poder perceber, podemos tirar muito mais lições. Acho que estamos a apostar no sítio certo e com as metodologias que nos parecem, para já, as mais adequadas a este tipo de grupo,

que são muito variados, porque cada caso tem que se atuar de uma determinada maneira, independentemente do atelier em que se está, porque nós aqui estamos, no meu entender, a resgatar pessoas do abandono que fizeram de si próprios por vários motivos e acho que estamos a tentar resgatar pessoas de um fosso em que se deixaram cair, e acho que isso é o maior estímulo que nós podemos ter enquanto formadores.

[...]

Entrevistador(a): [...] Quais são os principais contributos do Recriar-se para a comunidade? Notas algum contributo em termos gerais?

Fernando Pinho: Para a cidade que eu conheço, ainda noto que isto é um bocado “embrionário”. Este projeto, na fase em que está, e sendo alvo da vossa investigação e do vosso olhar crítico científico sobre estas questões, vai ser muito importante, porque isto é um problema da cidade, não é um problema deste nicho, porque há outros sem-abrigo fora da Cáritas, há outras pessoas que vagueiam pela cidade. Isto pode ter outra dimensão muito melhor e muito mais consistente do que esta que temos. É quase como... eu diria *um projeto piloto*. Evidente que não é piloto, que há outras experiências destas pelo mundo inteiro, não somos inovadores, coisa nenhuma. Eu digo é com estes públicos aqui nesta cidade que até há pouco tempo parece que se queria ignorar que havia sem-abrigo em Setúbal. Quanto mais conseguirmos ser visíveis com este tipo de projeto, com honestidade e com aquilo que está a fazer, mais uma pedrada no charco pode ser para esta cidade e para as outras cidades, para as comunidades. (...) Portanto, eu acho que isto pode ser colocado da maneira certa e com os meios mínimos para poder funcionar e com esta atitude, porque estes problemas vão crescer na cidade, não vão diminuir, vão crescer a olhos vistos em todos os sítios e há muitos encobertos e há muitos de outras coisas que nós podíamos agarrar e podíamos envolver. Acho que é muito meritório para já, por ser aqui e por serem estas histórias, mas há muita coisa a fazer.

Entrevistador(a): [...] Se pudesses caracterizar o Recriar-se numa frase, o que é que tu dirias?

Fernando Pinho: [...] No fundo, não deixar ninguém para trás.

Nota curricular do entrevistado:

Fernando Alberto Pinho Alves, criou e geriu o Centro Gráfico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, licenciado Artes Visuais pela mesma escola e mestre em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Professor Especialista, em Educação para os Media, lecionou na ESE de Setúbal. Desde cedo, ligado à área da fotografia, participou em variadas exposições individuais e coletivas na cidade de Setúbal. Nos últimos 5 anos tem feito parte do painel de Juizes

da APPIagem. (Associação Portuguesa dos Profissionais de Imagem. Atualmente é Presidente da Questão de Equilíbrio, participando nos seus Órgãos Sociais há mais de duas décadas. Faz parte da direção da UDIPSS e foi presidente da Assembleia Geral da Artiset. (Associação de Artistas Plásticos de Setúbal).

António Ângelo Vasconcelos, Licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa, Doutoramento em Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e professor coordenador na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Investigador no CIPEM. Coordenador do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se".

Ana Luísa Oliveira Pires, licenciada em Psicologia pelo ISPA, mestre e doutora em Ciências da Educação pela FCT-UNL e Pós- Doutoramento em Ciência de Educação (FPCE-UL). Investigadora no CICS.NOVA, professora coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Membro do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se".

Gina C. Lemos, licenciada e doutorada em Psicologia, com pós-doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade do Minho. Membro do CIED - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. Membro do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se"